

Ensino de História e a abordagem das “relações econômicas” em sala de aula: uma breve discussão

Werbeth Serejo Belo
Mestrando/PPGHEN/UEMA

Partindo de novas experiências durante alguns estágios curriculares de ensino de História no ensino básico, algumas reflexões teórico-metodológicas tem emergido em torno do período caracterizado, erroneamente, como “milagre econômico” (1969-1973) em função dos elevados índices de desenvolvimento econômico que o Brasil obteve então.

Em alguns livros didáticos, como no intitulado “*História: conecte*”, lançado pela editora Saraiva e de autoria de um grupo composto por destacados historiadores da atualidade e professores do departamento de História da Universidade Federal Fluminense, Ronaldo Vainfas, Sheila de Castro Faria, Jorge Ferreira e Georgina Santos, temos o período do milagre econômico trabalhado através do binômio crescimento econômico e “endurecimento” do regime ditatorial. De forma que aqueles anos,

Foram os piores tempos da ditadura, conhecidos como “anos de chumbo”, mas também um período de grande crescimento econômico, fator fundamental para a legitimação do regime militar perante a sociedade brasileira (FARIA. VAINFAS. [et al.], 2014, p.720).

Percebe-se que no trecho apresentado os autores não se propõem a apresentar a quem esse crescimento econômico beneficia na sociedade, nem no texto principal nem como informação extra em algum texto paralelo.

Esses dois pontos são de extrema importância para a compreensão do período. A grande questão a qual se pretende analisar aqui está em torno da abordagem dada a essas temáticas, sobretudo no que diz respeito à temática do desenvolvimento econômico ocorrido no período.

No livro didático intitulado *Oficina de História*, de autoria de Flavio de Campos e Regina Claro, ao contrário do livro anteriormente mencionado, já temos uma percepção minuciosa de que o “milagre econômico” brasileiro beneficiou determinada fração social burguesa. Como pode ser percebido no trecho a seguir,

As taxas de crescimento econômico eram mantidas também pela **expansão das linhas de crédito ao consumidor – privilegiando a**

classe média, ávida por bens de consumo duráveis – e pelo estímulo à poupança interna, atualizada pela correção monetária das taxas de juros. Dirigido por **tecnoburocratas civis e militares**, o Brasil era anunciado pelas campanhas oficiais como um iminente integrante do Primeiro Mundo (CAMPOS, CLARA. 2015. P. 702. Grifos nossos).

Esta minuciosa percepção de quais frações de classe estão sendo privilegiadas pelo projeto desenvolvimentista é um posicionamento eficaz para que os alunos possam perceber que havia um objetivo da defesa dos interesses de determinada classe no jogo político-econômico do período. Além disso, esta demarcação é eficaz, também, para que se perceba e seja discutida a própria nomenclatura dada ao período, a saber: “milagre econômico”.

Um terceiro material didático em análise intitulado *História: conexões com a História*, elaborado por Alexandre Alves e Letícia Fagundes de Oliveira e lançado pela editora Moderna, apresenta o período do “milagre econômico” de forma que também apresenta uma análise que localiza bem os grandes beneficiados desse período, ou seja,

A entrada maciça de capitais estrangeiros também **impulsionou a economia brasileira**. Ao mesmo tempo, **o aumento da população urbana garantia mão de obra farta e de baixo custo para a expansão industrial dos grandes centros econômicos do país**. Além disso, a censura e a repressão dificultavam os protestos contra a política de arrocho salarial do governo e contribuíam para implantar uma ordem fortemente disciplinada no mundo do trabalho (ALVES. OLIVEIRA, 2015, p. 651).

É importante destacar que mesmo adotando livros didáticos que apresentem uma escrita bem elaborada a respeito do período aqui apresentado é necessário que os professores de História do ensino básico possam apresentar debates a respeito das relações que não são expostas no material didático, como a relação existente entre Estado, economia, política e sociedade, muito importante para que não sejam naturalizadas relações que são historicamente construídas.

Além da temática a respeito do termo “milagre econômico” e das frações privilegiadas nesse período, é válido perceber que os materiais didáticos em questão utilizados no ensino de história aqui no Maranhão são elaborados a partir de uma perspectiva que pretende abordar a realidade histórica do centro-sul como hegemônica, sem levar em consideração as especificidades regionais. Portanto, pensando nessa questão como um dos pontos centrais desta pesquisa e, ainda, na utilização de impressos locais para a constituição de um novo saber histórico a respeito do período, nos

propomos a utilizar impressos locais com o intuito de aproximar a produção acadêmica do cotidiano escolar e de perceber as especificidades regionais do Maranhão ao longo do período do “milagre brasileiro”.

Então, acredita-se que a partir da análise historiográfica a respeito do período e a inserção de novas linguagens, como o uso dos impressos, gráficos, tabelas, podemos elaborar uma nova abordagem a fim de construirmos no ensino básico um conhecimento histórico de forma que possamos auxiliar os alunos a perceberem a diversificação de fontes para o historiador, rompendo com a caracterização da história como unicamente escrita a partir de documentos oficiais.

Algumas inquietações surgiram a partir de duas experiências que ocorreram de forma concomitante: a pesquisa acadêmica e o momento de experiência inicial no ensino básico: a) a resistência que há, por parte dos alunos, em fazer análises econômicas de diversos temas da história; b) a ausência de gráficos e apresentação de fontes alternativas no material didático que ampliem - e facilitem - a compreensão dos alunos a respeito do “milagre econômico” e; c) a não relativização e análise em torno do termo “milagre econômico” no livro didático.

Partindo da primeira inquietação supracitada - a resistência que há, por parte dos alunos, em fazer análises econômicas de diversos temas da história – é que iniciaremos as discussões que nos propomos a fazer nesta sessão.

Ciro Flamarion Cardoso (2002) em sua obra *Os métodos da História* aponta que “a história econômica não pode (...) limitar-se a um mero comentário de índices e curvas, ou à construção de modelos puramente econométricos” (CARDOSO, 2002, p. 49) é necessário que esta esteja inserida na lógica globalizante e da totalidade, a fim de que se possam perceber as relações que ocorrem nas esferas políticas e sociais de dada sociedade.

Inúmeras fontes podem ser utilizadas para a elaboração de esquemas que facilitem a compreensão de relações socioeconômicas, como dados estatísticos, por exemplo. Além disso, “os dados econômicos são absolutamente necessários à elaboração da história social” (CARDOSO, 2002, p. 51) o que demonstra a imbricação entre os campos de conhecimento da História e não uma atomização destes.

No que diz respeito à ausência de gráficos e apresentação de fontes alternativas no material didático que ampliem - e facilitem - a compreensão dos alunos a respeito do “milagre econômico”, acreditamos que a História econômica do período caracterizado como “milagre econômico” tem sido utilizada em larga escala nacionalmente para sustentar debates acerca do desenvolvimentismo adotado pela política econômica do

período. No entanto, localmente, tem-se uma produção escassa a respeito da análise desta política econômica.

Além disso, são escassos também estudos que se proponham a analisar como a imprensa escrita local se posiciona frente a essa política desenvolvimentista adotada entre 1969 e 1973, isto é, são necessárias análises, por exemplo, sobre o posicionamento institucional dos impressos locais, o espaço destinado a reportagens que consolidem – ou não – essa política econômica para posterior relação com o ensino de História e estratégias do uso dos impressos como forma de compreensão da lógica do período.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Katia Maria. A guardiã das tradições: a História e seu ensino curricular. **Tempo**, v.11, n.21, p. 163-171, 2006.

ALVES, Alexandre. OLIVEIRA, Letícia Fagundes de. **História: conexões com a História**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2015.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Conceitos básicos. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. IN: KARNAL, Leandro (org.) **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: contexto, p.37-48, 2003.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez Editora, p. 183-220, 2008.

CAMPOS, Flávio de. CLARO, Regina. **Oficina de História, volumen único**. 1 ed. São Paulo: Leya, 2015.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Os métodos da História**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

DREIFUSS, René. **1964: a conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do Tempo Presente: desafios. IN: **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, nº3, p.111-124, maio/jun., 2000.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Vol. 03. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MONTEIRO, Ana Maria F. C. A história ensinada: algumas configurações do saber escolar. **História & Ensino**, v.9, p. 37-62, out. 2003.

PEREIRA, Nilton Mullet. SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. **Anos 90**. V.15, n.18, p. 113-128, dez. 2008.

VAINFAS, Ronaldo. FARIA, Sheila de Castro. [et al]. **Conect: história, volume único**. 1. Ed. São Paulo: Saraiva, 2014.